Vitória (ES), domingo, 15 de novembro de 20

caderno2.AG

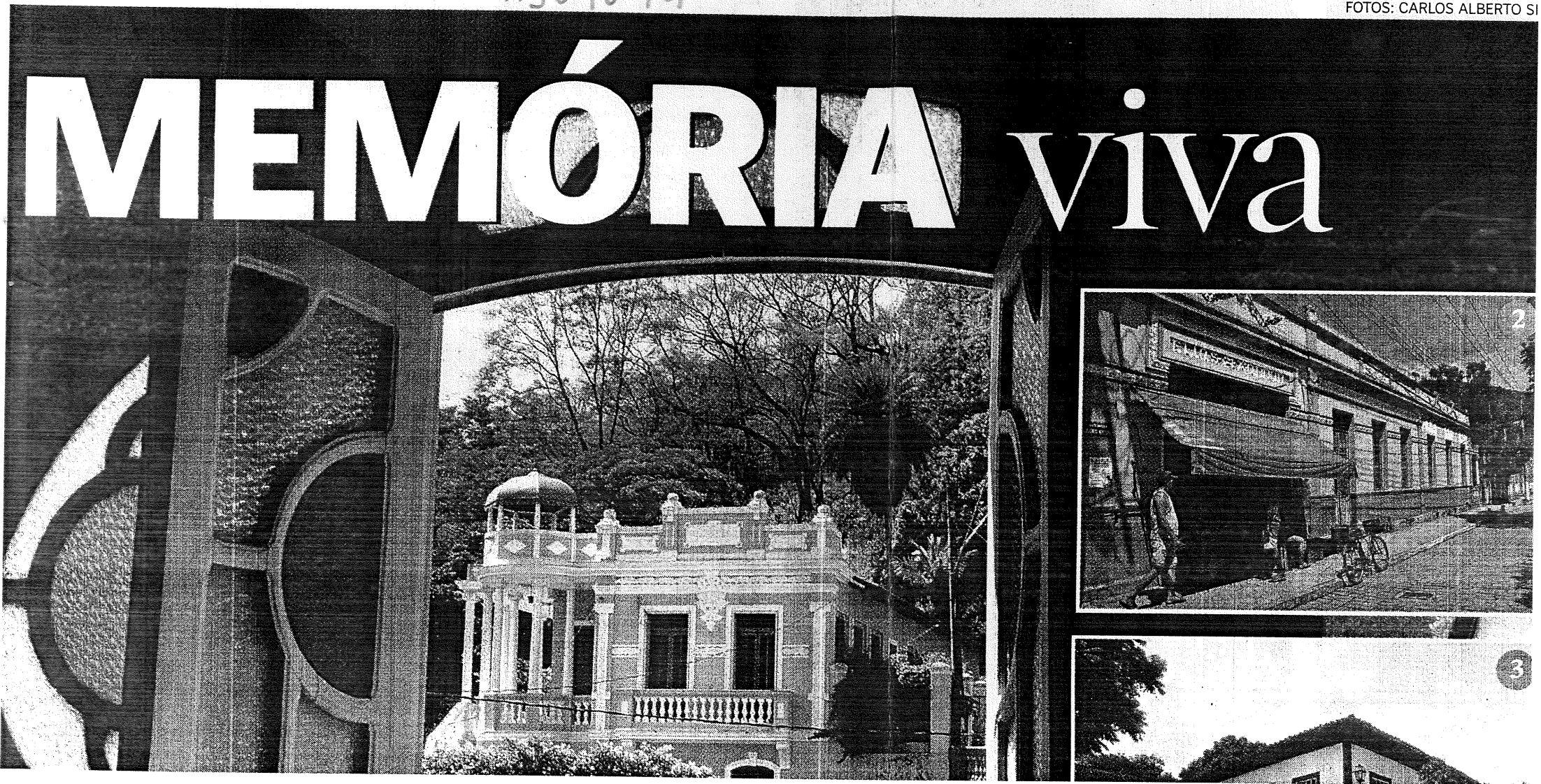
A GAZE

Editora: José Roberto Santos Neves | jrneves@redegazeta.com.br | (27) 3321-8608 | www.agazeta.com.br

AJ04699

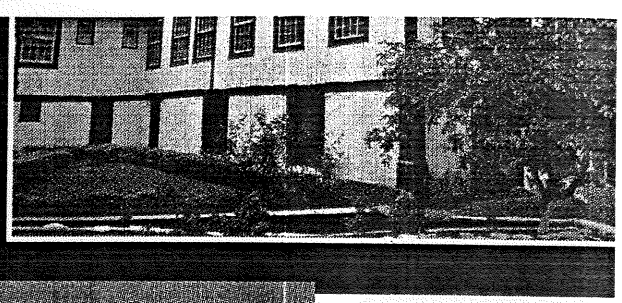
FOTOS: CARLOS ALBERTO SI

MEMÓRIA viva



2

3



Aprovação. Processo de tombamento do sítio histórico de Muqui anima moradores

VITOR LOPES
vlopes@redegazeta.com.br

■■ Sentado na varanda de seu casarão construído em 1923, o aposentado César Caçadini, 79 anos, ainda se lembra da época em que o trem era sinônimo de esperança para o crescimento econômico de Muqui. "Muita gente passava por aqui buscando emprego", emociona-se.

O mesmo café que levou à região ricos agricultores também proporcionou uma certa decadência na localidade, quando o preço do orgânico já não se mostrava competitivo no mercado. Embora o fim do ciclo cafeeiro tenha tirado divisas da cidade, Muqui conseguiu preservar essa sua fase áurea nas paredes das suas centenas de casas históricas.

Detentora de um dos principais patrimônios históricos do Espírito Santo, a cidade de 14 mil habitantes deu semana passada um importante passo para a preservação de seus casarões, alguns com mais de 100 anos. No dia 5 deste mês, o Conselho Estadual de Cultura

pera-se que a cidade dê um salto de qualidade de vida e de consciência em relação ao patrimônio histórico.

Para o turismólogo Cláudio José, o Caeco, o tombamento de Muqui como um sítio histórico tem tudo para fazer com que o Espírito Santo volte a olhar a cidade de forma diferente. "Estamos criando um plano de turismo, porque não adianta só tombar para preservar as casas, mas a cidade tem que pensar como lidar com isso de forma positiva, criando infra-estrutura para servir aos turistas e, principalmente, aos moradores e aos proprietários dessas casas", comenta Cláudio, citando que Muqui, atualmente, tem dois hotéis, duas pousadas rurais e cerca de 20 casas que recebem hóspedes no esquema do cama e café.

DEMOLIÇÃO

A decisão de tombar Muqui como patrimônio histórico surgiu no final da década de 80, quando alguns proprietários demoliram algumas casas antigas. Para evitar a perda de inúmeros exemplares arquitetônicos, a maioria do início do século XX, algumas casas foram tombadas no âmbito municipal em 1999.

Há anos acompanhando o processo de tombamento do sítio histórico, o presidente do Conselho Municipal de Cultura, Cyro Lethieri, acredita que o nível estadual de reconhecimento fará com que mais recursos cheguem à cidade. "O município não tem dinheiro para fazer a preservação e isso ficará mais fácil com a ajuda da Secretaria de Estado da Cultura. Mas o mais importante é que não se pode entender o tombamento como algo estático, mas sim vivo. O tombamento não vai bloquear o crescimento da cidade. Acredito que isso trará mais dinamismo a Muqui, que é uma das poucas a ter, além de uma história arquitetônica, uma viva história cultural, com a Folia de Reis e o folclore do Boi Pintadinho. Agora, a responsabilidade é dobrada", explica.

De fato, espera-se um maior comprometimento do município com a própria imagem. Pelas ruas, é comum ver lixo acumulado perto de alguns casarões, placas publicitárias encobrindo algumas fachadas bem como marquises que descaracterizam algumas construções originais.

Para a subsecretária de Estado de Patrimônio Cultural, Anna Saiter, a preocupação de tombar o sítio histórico vai além da preservação das fachadas. "Todo um conjunto de bens, desde as casas históricas até praças e outros tipos de imóveis que estão nestas regiões, estão contemplados. É um processo muito parecido com os outros três sítios históricos que temos no Estado: Santa Leopoldina, Porto de São Mateus e São Pedro do Itabapoana", comenta. De acordo com Anna, diversas ações locais estão sendo pensadas em conjunto, como oficinas de preservação, capacitação e de sustentabilidade, que poderão servir de ajuda para locais como a Fazenda Santa Rita, construída em 1860. "O in-

Tombamento federal será restrito

■■ **Muqui também busca o reconhecimento federal via Instituição federal para uma leitura ampla de localidades do Espírito Santo que tiveram uma forte presença do café, como Muqui e Mimoso do Sul", comenta Carol. Ela explica que, caso o tombamento federal seja efetivado, apenas al-**

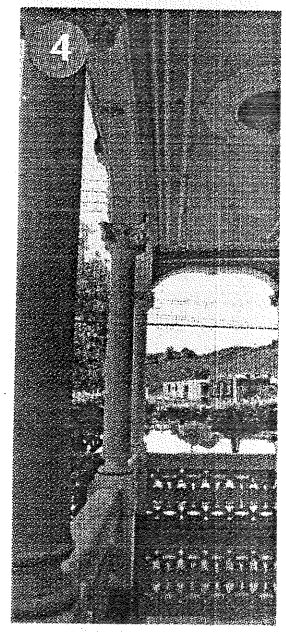
1 Paisagem. Da janela da sede da Secretaria de Cultura de Muqui, avista-se outro antigo casarão da cidade.

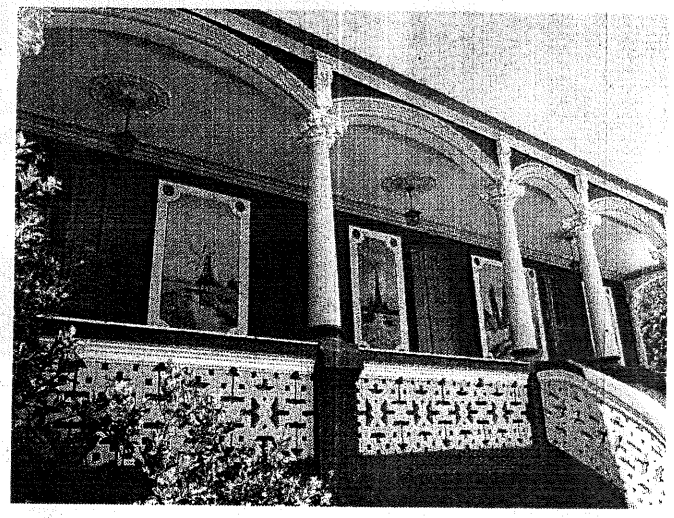
2 Comércio. Fachada de antigo armazém.

3 Rural. Sede da Fazenda Santa Rita, construída em 1860, atualmente propriedade de Nélia Monteiro Lobato.

4 Arte. Varanda do casarão de 1925 que fica em frente à praça principal de Muqui. Destaque para a pintura do italiano Monti. A proprietária é Márcia Fraga Ribeiro.

3 Centro. Casarão que também fica na praça principal





Próximo passo:

do, o Conselho de Est
Cultura já se concent

época em que o trem era sino-

aprovou o processo de tombamento do sítio histórico da cidade, pedido feito à Secretaria de Estado da Cultura há 22 anos. Ao todo, são 272 edificações que serão preservadas a nível estadual.

No município, o clima é de expectativa para a publicação final da resolução de tombamento, o que deve ocorrer em poucos meses. Com isso, es-

de Muqui como um sítio histórico do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). De acordo com a superintendente do Iphan no Espírito Santo, Carol de Abreu, o órgão não irá realizar o tombamento do que já está sendo feito pelo Estado. "O Iphan tem feito cortes históricos em regiões a partir de ciclos econômicos. Muqui se encaixa no cafeeiro. Estamos estendendo a prote-

Há anos acompanhando o

gumas casas mais significativas serão contempladas pelo Iphan e não todo o sítio histórico. Muqui terá maior capacidade para gerir o patrimônio, com a possibilidade de conseguir financiamentos para programas de preservação. "O tombamento não é só uma celebração. É o início de um cuidado maior com o patrimônio", conclui a superintendente.

bem como marquises que des-

vestimento aqui é todo pessoal", revela a proprietária Nélia Monteiro Lobato.

Moradora de um casarão construído em 1925, Márcia Fraga Ribeiro sente que o momento é propício para a conscientização local. "Estou morando em uma casa que tem história, não só a da minha família, mas a da minha cidade. A gente precisa preservar isso", comenta.

Itapina, em Colatina

O Espírito Santo conta atualmente com três sítios históricos já tombados pelo Estado: Santa Leopoldina, Porto de São Mateus e São Pedro do Itabapoana. Depois que o processo de tombamento de Muqui for concluí-

ra analisar a localidade de Itapina, em Colatina, que não é tombada em nenhuma instância. "Estamos contratando a conclusão do levantamento do que há na região, para somente depois decidir o que vai compor o tombamento", explica a subsecretária de Estado de Patrimônio Cultural, Anna Saiter.

+